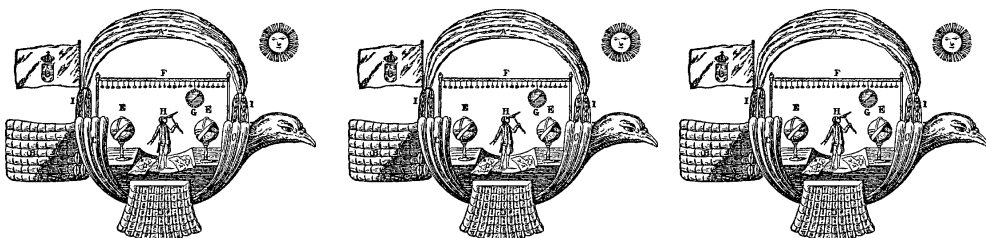


inéditos



Perfis de Nabuco em textos inéditos de Jaime Batalha Reis e Manuel de Oliveira Lima

Elza Miné*

* Universidade de São Paulo.

Neste tempo de comemorações dos Descobrimentos, de pontes lusófonas, nada mais oportuno que relembrar um projeto de Jaime Batalha Reis, de 1904, a que o autor deu o sugestivo título de *O Descobrimento do Brasil intelectual pelos Portugueses do Século XX*, e em que pretendia apresentar e discutir, na imprensa portuguesa, a cultura e a literatura brasileiras. E digo “pretendia”, porque os artigos já concluídos, nunca publicados pela revista *Serões*, de Lisboa, a que se destinavam, mas conservados em seu polifacetado espólio, só vieram a ser divulgados oitenta anos mais tarde.¹

Mas, relativamente ao Brasil, além desse manuscrito e das anotações acerca da viagem de Cabral, constam ainda do arquivo de Batalha Reis, na Biblioteca Nacional de Lisboa, os ecos de uma estreita convivência, por ele mantida, enquanto cônsul em Londres, com um grupo de brasileiros, na virada do século². São cartas, cartões, telegramas, de Joaquim Nabuco, Graça Aranha, Domício da Gama, Eduardo Prado, Tristão da Cunha, Magalhães Azeredo, Cardoso de Oliveira, Manuel de Oliveira Lima, zelosamente guardados por aquele intelectual da Geração de 70 que, por aquela altura, empreende como que uma “viagem ao Brasil, que durou uns quatro ou cinco anos”,³ da qual, sem dúvida, é tributário o projeto abortado do “Descobrimento”.

¹ REIS, Jaime Batalha. *O descobrimento do Brasil intelectual pelos portugueses do século XX*. Org., pref. e notas de Elza Miné. Lisboa, D.Quixote, 1988.

² Essa convivência é também evocada em ARANHA, Graça. *Machado de Assis a Joaquim Nabuco. Comentários e notas à correspondência entre estes dois escritores*. 2ª ed., Rio, Briguier & Cia., 1942, p. 42.

³ Carta de Graça Aranha a J. Batalha Reis de 24/9/1905. A correspondência integral de Batalha Reis com os escritores brasileiros, por mim preparada, aguarda publicação.

Os laços com aquela “colônia de brasileiros”, como chamou Batalha Reis ao grupo a que se ligou e que a vida diplomática permitira reunir para depois também dispersar, vão manter-se, com alguns deles, por toda a vida, como o atesta a referida correspondência.⁴ É o caso da troca epistolar com Manuel de Oliveira Lima que tem particularmente interesse pelo testemunho que oferece de um certo tipo de diálogo, pela informação documental que traz, seja sobre a questão da literatura e da “língua brasileira” (tão discutida naquela altura e preocupação manifesta de Batalha Reis), ou, como é o caso das cinco cartas inéditas, transcritas a seguir, sobre a questão do “panamericanismo” e sobre a figura de Joaquim Nabuco.⁵

De Oliveira Lima a Batalha Reis

Legação do Brasil

Bruxelas, 17 Janeiro 1910

Meu querido amigo:

Não pode avaliar a satisfação que me causou a sua carta de 15 do corrente. Não o havia esquecido — pode estar bem certo disso — mas julgava-me de fato esquecido, V. não deixará de achar-me razão. Há três anos que não conseguia arrancar-lhe palavra escrita! V. agora dá-me uma explicação muito razoável — que andava por outros planetas, em astros pouquíssimo comunicáveis. Se soubesse disso, com os meios de que hoje dispomos — o telégrafo sem fio, os aeroplanos, etc., teria tentado o impossível para obter que me desse sinal de vida: mas recorri ao velho sistema da carta pelo correio... Enfim, para seu castigo, e como me diz que mal sabe do que tenho feito durante estes três anos, mando-lhe hoje um carregamento de livros e opúsculos — As *Cousas diplomáticas*, o Machado de Assis, as conferências que fiz em Genebra, em Viena e em Louvain. Se quiser, também lhe mandarei o *Pan-americanismo*, que está nas suas ideias, mas não absolutamente nas do Nabuco, que por causa desse livro, rompeu relações comigo. É verdade que está embaixador, e um embaixador não pensa como o resto dos mortais. Já poucos ministros pensam... Não querendo que V. reclame, e ache exagerado o artigo, não lhe mando o *D. João 6º*, a minha obra maior (2 volumes, 1300 páginas!!) que saiu em Junho do ano findo, edição do J. C. Rodrigues, e teve bom sucesso de livraria. Isto, porém, é muito para se ler noutro astro: cá por este há pouco

⁴ V. MINÉ, Elza. “Batalha Reis e Graça Aranha: captações de um diálogo amigo”, *Via Atlântica*, São Paulo, USP, n.1, 1997, p.78-86.

⁵ Batalha Reis guardava religiosamente o rascunho de todas as suas cartas, sendo assim possível reconstituir o diálogo epistolar mantido com seus correspondentes. Já tivemos ocasião de comprovar a confiabilidade de tais rascunhos, conferindo-os com alguns originais de cartas recebidas por Graça Aranha e Edgar Prestage. Na transcrição dos textos inéditos que constam do presente artigo, foi conservada a pontuação dos originais e atualizada a ortografia, de acordo com a norma brasileira. Indica-se, ao final de cada documento, sua cota na Biblioteca Nacional de Lisboa. Nas cartas de Oliveira Lima, no alto, à esquerda, consta a indicação do timbre, quando ocorrente; nas de Batalha Reis, figuram nos rascunhos, nessa mesma posição, o nome do destinatário e a cidade para onde deve ser enviada a correspondência, tal como aqui se reproduz. A presença, ou não de iniciais, no final das cartas de JBR é também aqui registrada.

tempo para obras de tais dimensões. Espero, pois, que V. me anuncie nova viagem às regiões siderais (não é assim que se diz na linguagem poética?).

Já lhes desejamos o muito feliz ano, renovo e agradeço agora os seus amáveis votos. De saúde temos passado bem em Bruxelas. A informação que lhe deram não foi felizmente exacta. Ainda aqui não vimos médico. Eu estive recentemente doente em Berlim, quando a caminho de Estocolmo. Saí daqui já mal disposto e dois dias depois tinha que me recolher ao leito com uma febre gástrica ou tífica; estive três semanas de cama, mas não grave. Em Estocolmo passamos muito bem. Gostei muito da terra e da gente, e ali contamos voltar em Junho do corrente ano.

Estou em Bruxelas há quase dois anos. Passei por Lisboa, a caminho de Londres, e de regresso do Brasil, onde estive por 14 meses, porém dias antes da morte do rei D. Carlos. Em Bruxelas não tenho parado muito. Em 1908 fui a Genebra, a Carlsbad, a Viena. Em 1909 fui a Viena outra vez, a Paris (duas vezes), a [ileg.], à Alemanha renana, a Berlim, à Suécia. Este ano conto ir de novo à Suécia e a Viena. Estarei trabalhando no arquivo, vendo a correspondência diplomática, vinda do Brasil para o Ministro de Estrangeiros, para ir preparando o meu livro sobre a Independência que será o seguimento do *D. João 6º*.

Inútil é dizer-lhe que Flora me tem acompanhado em todos esses *déplacements* e trabalhos.*

Penso que este ano virá a Bruxelas. Pelo menos, vi o seu nome ligado ao Congresso de Agricultura Tropical, como representante de Portugal. Para mim seria um grandíssimo prazer ter tal visita.

Diga-me em que mês virá porque não desejaria de modo algum que nos desencontrássemos. Tenho grande vontade de reatar nossas conversações de Londres. Onde está V. servindo? Devem ir a Londres? Eu continuo a colecionar livros e a pagar renda por eles ao Maple. Não sei quando me poderei instalar. Espero que o próximo governo militar no Brasil nos dê férias para isso. Não saberá talvez que estamos num conflito político de civilistas e militaristas e que faço parte dos primeiros, com o meu pacifismo.

Muitas e muitas recomendações nossas para os seus, especialmente para D. Celeste. Um abraço para V. muito apertado e muito saudoso do

amigo certo obrigado

M. de Oliveira Lima

[Carta endereçada, conforme o envelope, ao Royal Societies Club. St. James Str. S.W. London (clube de que Batalha Reis era sócio) e de lá reendereçada para 12, Frognall Mansions Hampstead, N.W. [London]

* Flora Oliveira Lima era mulher de Manuel de Oliveira Lima]

E4 30/41

De Batalha Reis a Oliveira Lima

Oliveira Lima
Bruxelas

18 Janeiro 1910
Londres

Recebo com muito prazer e muita gratidão a sua carta e os seus livros. Enganei-me no cálculo que fiz, — e já devia prever que me enganaria: em três anos V. não publicou três volumes; publicou — seis.

Se os seus livros tivessem biológica e antropológicamente, a vida, a força, o movimento criador que literariamente possuem, V. teria dentro em pouco colonizado com eles o Amazonas e Mato Grosso, cobrindo os vastos sertões de colonos em dois volumes, — que é, como se sabe, o melhor número de volumes para um núcleo colonizador.

Estou já lendo as *Cousas diplomáticas* cuja ideia fundamental, — e até julgo que alguns dos artigos, — eu já conhecia. Já uma vez conversamos o assunto verificando que estávamos completamente de acordo.

Mas sentei-me agora a escrever-lhe, confesso, mais ansioso de lhe pedir, egoisticamente, o seu *Pan-americanismo* e o seu *D. João 6º*, do que de polidamente lhe agradecer o primeiro belo presente que já estou saboreando.

Diz-me V. que o *Pan-americanismo* está nas minhas ideias, o que me levou a procurar, por entre as ruínas políticas da minha memória, que ideias eu possa ter tido sobre esse *ismo*.

V. sabe que eu sou antinacionalista, no sentido político da expressão. Por isso todos esses *pans* têm para mim um só aspecto interessante que é o artístico, o de grupos nacionais, processos e formas distintas de sentir, de pensar, de criar. O Nabuco, que é predominantemente um político, pensa sem dúvida muito diversamente. Quanto a Pacifismo professo-o com tal fúria que pela paz sinto que iria até à guerra.

Mas o meu maior interesse é ler o *D. João 6º*, figura pitoresca — manhosa, fidalga e soez, — única na História como o concebo, que eu tanto desejaria tratar num livro de História, História a meu modo, o qual é evidente que nunca escreverei.

Conto com efeito ir a Bruxelas este ano.

É certo ser eu o Relator internacional dum dos assuntos que devam discutir-se em Bruxelas no Congresso da Associação Científica Internacional de Agronomia Colonial onde represento Portugal (O Brasil é representado nessa Associação pelo Piza, Ministro em Paris). Devo pois aí estar dos começos aos meados do mês de Maio, e é claro que espero com impaciência ter o grande prazer de ver a Sra. D. Flora, de o ver a V. e de conversar com ambos longamente.

Não me esqueças, ou antes: não nos esqueçam.

Queira apresentar os nossos cumprimentos a Mme de Oliveira Lima, e receba um bom abraço do

Seu Amigo muito grato

E4 30/41

De Oliveira Lima a Batalha Reis

Legação do Brasil

Bruxelas, 28 Janeiro 1910

Meu querido amigo:

Já deve estar de posse, consoante seus desejos, do *Pan-americanismo* e do *D. João 6º*. Se a [ileg.] recuos e quiser travar relações com o personagem, como eu o tratei, será favor

dizer-me oportunamente como achou essa interpretação histórica, porque me parece que em história tudo se reduz a interpretação. A sua opinião é das que para mim têm maior valor e por isso, e pelo fato do personagem mesmo o haver tentado, estimaria muito saber o que pensa desse trabalho.

Quando V. me escreveu a sua carta de 18, que acuso recebida e que agradeço, ainda ignorava o falecimento do Nabuco, que ocorreu a 17 em Washington. Ainda que tivéssemos deixado de ser amigos, como lhe disse, por causa do *pan-americanismo*, não me poderia ser indiferente esse desaparecimento de uma pessoa a quem muito estimei — V. o sabe bem — e a quem dediquei alguns dos meus melhores entusiasmos juvenis. Não gostei da última fase da vida dele, desse exagerado americanismo sem *pan*, ao qual não foi sincero, e a que se agarrou para refazer-se uma popularidade que ele imaginara destruída pela sentença arbitral de Roma e que de facto só havia sido [ileg.] pela sua explicação da adesão à República e pelo seu fictício ardor pela causa dos Estados Unidos na América. Ele chegara ao ponto — e já começaria a ser sincero nessa crença postiça, à força de [ileg.] de dizer que a América Latina teria assistido honrada e agradecida o protetorado americano! Se isto já não era fruto da decrepitude, uma decrepitude precoce, é pelo menos extraordinário. Neste sentido, da minha atitude, é que eu penso que eu e V. estamos de acordo, isto é, que a minha memória me não traiu quando lhe escrevi que concordavam nossas ideias. Não penso que V. seja pan-americanista no sentido do Nabuco. O fato mesmo de ser antinacionalista, como me diz ainda agora, bastaria para contrariar aquela absorção de um continente imprevisto, de uma nacionalidade, ou mesmo que fosse de uma raça.

Igualmente sou pacifista, e como V. iria até à guerra... pela paz.

Penso que o Brasil é representado na Associação Científica Internacional de Agronomia Colonial pelo Miguel Calmon, ex-ministro de agricultura, e não pelo Piza. Pelo menos foi o que li em jornal daqui, a par do seu nome. A notícia tinha cunho de oficial.

Cá o esperamos portanto com grande prazer em começos de Maio, e espero que o congresso lhe deixará algum tempo para as nossas palestras, que me fazem grande falta. Até lá, escreva-me sempre que puder e aceite com os seus nossas melhores lembranças, com um abraço para V. do

amigo muito obrigado

M. de Oliveira Lima

E4 30/41

De Batalha Reis a Oliveira Lima

Oliveira Lima

30 Janeiro 1910

Bruxelas

Ia agradecer-lhe os três belos volumes que tão generosamente me enviou, quando a sua amabilíssima carta veio ainda aumentar a já grande dívida da minha gratidão.

Quando eu na minha última carta lhe falava do Nabuco, já ele havia deixado de existir.

Tive, como sabe, em Londres, por anos, íntimo trato com Nabuco, e conheço-lhe, julgo eu, todas as obras e todas as ideias. Mas os nossos temperamentos intelectuais e até os nossos processos de pensar eram inteiramente diferentes. Não me parece que jamais concordássemos sobre quaisquer ideias importantes, em Sociologia ou Arte. Para Nabuco todas as correntes do espírito são afluentes da Política. Para mim a Política é, ou tende a tornar-se — e deve vir a ser, meramente administração, — consequentemente uma coisa necessária, mas inferior, destinada, sem honrarias nem faustos inexplicáveis, a caixeiros exatos, honestos, obscuros, especialmente instruídos para essas úteis e baixas funções. Tenho sobre esta ideia um livro manuscrito de que contei por mais duma vez ao Nabuco o sistema e os fundamentos, vendo sempre que ele não podia compreendê-lo.

A nacionalidade política não tem para mim, como já lhe disse, importância alguma; mas tem-na toda a nacionalidade etnológica, moral, intelectual, estética. Recordo-me da discussão que tive com o Nabuco, duma vez que eu lhe estranhei que as Nações americanas tivessem deixado os Estados Unidos anglo-alemães apoderar-se, como designação privativa oficial do nome histórico dos novos Continentes, que aliás foi primeiro e por muito tempo apenas dado ao do Sul. Pergunto-lhe então o que ele supunha acontecer se um dia a Inglaterra ou a Alemanha participassem diplomaticamente às outras Nações que resolvera chamar-se “Europa”, e designar os seus representantes, como sendo, únicos e por excelência, Embaixadores, Ministros e Cônsules “europeus”.

Já vê como estou consigo e com as suas ideias. Mas a sua carta atribui ao Nabuco opiniões interessadas, falta de sinceridade nas ideias expostas e sustentadas, e neste ponto afigura-se-me que V. não entrou bem na sua psicologia dele, e não lhe estudando toda a complexidade do espírito, assentou um juízo injusto.

Eu era muito amigo do Nabuco, e, tenho-o pelo que da sua vida vi e soube, por um dos homens de maior bondade que conheci. É claro que estes sentimentos nada têm que ver com as minhas opiniões sobre o seu mérito literário, ou sobre a justiça das suas ideias que, como já vi, eu não aceito. Quando ele publicou em francês as *Pensées* quis escrever um artigo sobre a sua obra, e certamente o teria feito, se em Portugal, onde eu então estava, houvesse uma Revista para mo publicar.

Mas, como uma homenagem ao bom Amigo morto, e ao notável Escritor brasileiro, volto a pensar nesse trabalho, em inglês ou em francês. Mas provavelmente, — e também por impossibilidade de publicação, — desistirei da empresa.

Estou lendo os seus livros com todo o interesse, e ser-me-á sempre muito agradável dizer-lhe sobre eles ou falando-lhe, ou escrevendo-lhe, todas as minhas impressões. É uma grande lástima, — é uma verdadeira vergonha etnológica, perante todas as outras raças literárias, — que os escritores de Língua portuguesa não tenham uma Revista onde exponham as suas opiniões sobre o que a humanidade toda vai criando, e onde se veja se eles também a esse propósito são ainda enciclopedicamente capazes de criar.

Destes últimos três anos de residência em Portugal, voltei com desânimo profundo sobre a capacidade intelectual e o estado moral da minha terra. Nem quero tratar desse assunto.

Esta carta já vai muito longa. Mas eu só sou bom correspondente com as pessoas a quem posso escrever longas cartas, — com os amigos com quem me agrada conversar longamente, que já agora são pouquíssimos.

Apresente os nossos cumprimentos à Sra. D. Flora.

Muito Amigo Obrigado

(J.B.R.)

E4 30/41

De Oliveira Lima a Batalha Reis

Legação do Brasil

Bruxelas, 15 Fevereiro 1910

Meu querido amigo:

Tive o prazer de ver e conversar com o Dr. Hein no sábado 12. Ele partiu para Paris e ficou de mandar-me os documentos relativos ao Congresso de Agronomia Tropical para que eu possa dirigir ao Ministro da Agricultura federal um instante pedido para que o Brasil não deixe de ser oficialmente representado nessa interessante e importante reunião, por gente competente e não por seus representantes ex-officio. Aqui conto rever o Dr. Hein por essa ocasião, ao mesmo tempo que terei o grandíssimo prazer de recebê-lo e palestrar consigo após anos de distância geográfico-epistolar.

Se V. quer escrever alguma coisa sobre o Nabuco, fundou-se agora no Rio uma Revista Americana, colaborada por gente da América Latina (Portuguesa-Espanhola). Já saíram três números com sumários interessantes, e o diretor, Araújo Jorge, secretário do Rio Branco, estimaria imenso tão preciosa colaboração. Li com atenção o que a respeito de N. [Nabuco] diz e nossas opiniões, afinal, não estão tão separadas. V. chamou-lhe um temperamento essencialmente político, com o que concordo. Eu culpo-o de falta de sinceridade nas suas ideias e mesmo nas suas afeições. Não é por acaso a falta de sinceridade a característica principal da política, como V. mesmo a compreende? Não quero todavia insistir nesse assunto. Reconheço-lhe as qualidades — certa bondade, antes passiva que ativa, mas em todo o caso bondade. Grande poder de sedução pessoal; brilho de inteligência; elegância de expressão; belos se bem que não desinteressados propósitos — um conjunto atraente e simpático, malgrado os defeitos.

Estou muito desejoso de conhecer a sua opinião sobre o meu *D. João 6º*, tanto mais quando suponho que estamos de acordo no assunto. E se não estivermos, não é razão, é claro, para V. não me externar seu parecer.

Como não tenho aqui o meu Inocencio, nem existe, penso, um S. Real, peço-lhe o favor de ver o que diz sobre José Fernandes Pinto Alfosin e o seu *Exame dos bombeiros*, dedicado a Gomes Freire de Andrade e impresso em Madrid, em la oficina de Francisco Martinezabud, em 1748, muito lho agradeceria.

O que V. me diz sobre Portugal tanto mais me contrista quanto penso exatamente da mesma forma, e como estimo muito a terra de meu Pai e onde fui criado, não me importa externar a minha opinião a V. porque sei que a acolherá sem enfado. A capacidade intelectu-

al parece com efeito diminuída, e o estado moral apoucado. Há visível decadência infelizmente.

Muitas e afectuosas recomendações nossas para os seus, e receba um abraço do seu muito amigo atento obrigado

M. de Oliveira Lima

E4 30/42

Um Nabuco “possível” mas inacabado

Na sequência, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que Joaquim Nabuco, no “projeto brasileiro” de Batalha Reis, seria a primeira figura a ser especificamente focalizada, depois da apresentação geral, que corresponde ao manuscrito que veio a ser publicado em 1988. Como explica em carta a Graça Aranha: “(...)A minha intenção é começar pelo Nabuco, — porque o tenho à mão, — e seguir depois pelos polígrafos críticos que me ocasionem expor e discutir as doutrinas gerais, os conjuntos do espírito brasileiro.”

Mas, mesmo depois de ver recusados os primeiros artigos do “Descobrimento”, Batalha começou um texto sobre aquele escritor e estadista brasileiro, ensejado pela publicação dos *Pensées Détachées et Souvenirs*, de 1906, texto este que diretamente dialoga com estas cartas inéditas para Oliveira Lima, de 1910, que antes transcrevemos:

“Nas revistas literárias e críticas portuguesas, — e seria essencial à existência civilizada de Portugal que aí existissem esses meios de registo e estudo intelectual — deveriam sempre comemorar-se, estudar-se atentamente as manifestações do espírito brasileiro, a muitos respeito um prolongamento, ou uma transformação direta do próprio espírito português...Mas não acontece assim.

As mais ignoradas literaturas em Portugal — a brasileira e a espanhola, — são justamente as que em parte pela raça em que se produziram e língua em que se expressam e pelo carácter que necessariamente revelam mais próximas se acham da literatura portuguesa.

Há pouco ainda, o director duma revista que se publica em Portugal me pediu para lhe escrever uma série de artigos sobre a Moderna Literatura Brasileira, o que eu—dada a novidade do assunto—comecei a fazer sob o título de “O Descobrimento do Brasil intelectual pelo Portuguezes do século XX”.

Quando porém o primeiro dos meus artigos chegou à redacção da Revista, o ao que parece excêntrico director que os encomendara, fora já substituído por outro sem dúvida mais normal ou mais conhecedor dos desejos do público português, e os meus artigos, declarados não caberem no programa da publicação, não se publicaram.

Venho hoje fazer uma nova tentativa dando notícias do livro notável — que acaba de aparecer de um dos homens mais notáveis do Brasil, — o Sr.Joaquim Nabuco.

O livro é escrito em francês e publicado por uma das mais notáveis casas editoras do mundo, – a casa Hachette de Paris, – fato particularmente interessante.

Os portugueses, – para falar agora só da gente da casa, — têm em literatura, — e em muitas outras coisas criado – uns tipos, uns modelos, uns padrões de perfeição que são apenas para seu uso, completamente diversos, e, na minha opinião, devo dizê-lo, consideravelmente inferiores aos padrões por que em quase todas as nações se medem criações intelectuais.

Com patriótica benevolência se celebra todos os dias em Portugal o gênio de numerosos poetas, romancistas, historiadores, sábios, filósofos, críticos e eruditos. Tem-se mesmo criado para lhes descrever as obras, um vocabulário especial: de todos se nota quanto se salientam, e de todos se admira, com assombro, a imensa envergadura. De uns julga-se milagroso que criassem os dez ou doze romances que em dois ou três anos os tornaram fenomenalmente ilustres; de outros julga-se inteiramente incompreensível como tão maravilhosamente houvessem podido tratar nos cem volumes já publicados da sua obra todas as artes, todas as ciências e todas as filosofias, descobrindo, enfim, as verdadeiras e definitivas artes, ciências e filosofias.

Seria talvez conveniente traduzir um qualquer desses romances e um qualquer desses livros de crítica histórica, ciência ou filosofia, em francês, em inglês ou em alemão, para ouvir o que têm a dizer dos seus méritos os críticos, os historiadores, os sábios e os filósofos do resto da Europa.

Perante esse tribunal, para que o julguem pelos códigos e critérios do mundo mais civilizado, se apresentou o Sr.Joaquim Nabuco com seu novo livro.

O Sr.Joaquim Nabuco é predominantemente o que se tem chamado um homem público, — destinado a representar idéias coletivas, a representar coletividades, a dirigir-se a coletividades, — a agitar, a proclamar, a propagar, a realizar idéias que interessam à vida econômica, política, social dos povos, a ter auditórios que o escutem, que o aplaudam, que ele convença, arraste, domine, — [ileg.] a permanentemente preocupar a opinião de quem ela espera sempre uma colaboração ativa e conhecida nas formações ruidosas que mais geralmente a interessam.

Vi pela primeira vez Joaquim Nabuco nos Estados Unidos há trinta anos, quando as americanas que faziam a moda em Washington e Nova York organizaram concursos de beleza masculina em que o premiaram; vi-o e tratei-o, depois, em Paris, há uns dezesseis anos, quando ele acabava de ver abolir, enfim, em grande parte pela ação da sua eloquência, da sua atividade e da sua coragem, a escravidão brasileira.

Era um homem alto, esbelto, mas forte, com os movimentos, o gesto, o andar, a voz e as frases do orador, do homem que sente que é o ponto de união de muita gente, que fala para que muita gente o ouça, que se sente escutado, convencendo, que espera ser acompanhado de aplausos. Tinha uns olhos meigos, risonhos, profundos, magnéticos. Falava em longos períodos, que às vezes interrompia apenas, para cortesmente deixar passar as frases do seu interlocutor, continuando logo as suas, apenas por momentos interrompidas no som, mas não na sequência sintática.

Tinha em alto grau esse ar de satisfação de si e das suas coisas, essa atitude protetora, superior, um tanto desdenhosa, que na Europa distingue o brasileiro confiado e otimista, do português céptico, e desalentado.” E4 31/29, fl.4 a 10

Brusca interrupção. Impossível não nos sentirmos frustrados como leitores. Mas o que foi transcrito é tudo que, constituindo um texto contínuo, consta a respeito de Joaquim Nabuco, no espólio de Jaime Batalha Reis. No entanto, quantas e quantas notas ali também se encontram focalizando o amigo brasileiro de Londres, ou tendo em vista o exame de seus *Pensées*.⁶ Como vimos, em 1910, Batalha Reis referia a Oliveira Lima a possibilidade, que na verdade nunca se concretizou, de escrever sobre ele (já então falecido) e, assim, de voltar, provavelmente, a esse “possível” mas sempre adiado Nabuco.

Acredito que dessas anotações, em seu fraccionamento intrínseco, emerge, caleidoscopicamente, uma imagem nítida do grande leitor e do escritor “sempre em preparativos” que foi Batalha Reis. Nesse sentido, são apresentadas a seguir, através de uma amostragem, em agrupamentos artificialmente constituídos, que não pressupõem distintas fases de elaboração, como de resto o material encontrado também não o revela, apontamentos que exibem ângulos de análise e busca de informação, bem como outros, que poderíamos considerar como que pré-elaborações avaliativas, sobre Nabuco homem e autor.

Assim é que há notas que correspondem a :

a) busca da bibliografia do autor focalizado:

“A bibliografia de Joaquim Nabuco é muito difícil de dar hoje completa. Centos de folhetos foram publicados nos tempos da sua Campanha Abolicionista./Não julgo que o autor os tenha todos e não sei que alguém os colecionasse sem omissão” (31/28 D16)

“Para Nabuco – *Resposta às Mensagens do Recife e Nazaré*. Rio de Janeiro, 1890,32p. *Porque continuo a ser monarquista, carta no Diário do Comércio*. Londres, 1890, 23p. *Agradecimentos aos pernambucanos* 2a.ed. Londres, 1891, 35p. *Camões e Os Lusíadas*. Rio de Janeiro, 1872. 28p. de Notas e Índice. *O Abolicionismo em Londres*. 1883. 256 p.” (31/28 D19)

b) consultas a autores para estudo de *Pensées Detachées*

“...Mémoires nés avant terme et composés en vue d'un effet présent”/ St.Beuve, Chateaub./ Mémoires d'outre tombe./ Causeries Lundi I, 448/ Os que escrevem e publicam

⁶ Em E4 31/10, sob o título “Máximas, Pensamentos, Reflexões”, numeradas em 1945 por Vitor Cinatti Batalha Reis (filho de JBR), constam as notas F1 a F59 e G1 a G6. Em 31/29, as anotações E1 a E11. Ainda encaminhando-nos diretamente a Joaquim Nabuco: 31/28, notas D1 a D19, seis fichas de requisição de obras de Joaquim Nabuco na Biblioteca do Museu Britânico, sob o título “Brasil”. Em 31/35, outras anotações encontram-se envolvidas por papel em que com a caligrafia de JBR se lê: “Para Nabuco” e que o filho Vitor numerou L1 a L18.

Memórias têm uma falta de pudor especial e fazem coisas para o público que outros não fariam./Desde que se faz uma coisa para o público faz-se em vista dum efeito./ Os espíritos capazes de tudo isto não têm consciência disso, tal qual como uma criança não se envergonha de estar nua.”

“Em La Rochefoucault, em Pascal, em Joubert, frequentes idéias dispersas./ Notas, apontamentos, ou para uma lembrança, ou para desenvolver em obra que devia encerrá-los num plano diferente, muitos devido, nessa forma, a doença, a causas interruptoras, foram coordenados e publicados postumamente pela família e pelos amigos.// Joaquim Nabuco publica intencionalmente as suas máximas como tais. Foram escritas com saúde, sem interrupção que voluntariamente não pudessem ter-se remediado./ Não são fragmentos de nenhuma obra./ A forma que para os outros era incompleta para Nabuco é intencional” (31/30 G2 e G3)

c) considerações sobre o gênero a que a obra pertence:

“Tratando dum gênero literário muito especial, é talvez útil determinar-lhe a teoria essencial: /De que deriva/A que se propõe/Que necessidades de expressão satisfaz “(31/30 F47)

“Os autores que um dia resolvem escrever como um gênero, um livro em pensamentos, em máximas./ Os que durante algum tempo de propósito dão às suas idéias essa forma em vista de fazer um livro: É Nabuco?” (31/30 F47)

“A língua francesa é sem dúvida a melhor para o gênero Pensamentos e Máximas — pela sua capacidade de concisão elegante, — e pela natural tendência nos franceses para aceitarem o paradoxo como a melhor expressão da verdade, e satisfazerem-se com [ileg]os ferir os erros que implica necessariamente “ (31/30 F49)

“É claro que nos livros dos mais profundos e espirituosos autores de Máximas há centos de banalidades, de lugares comuns, de patetices,” (31/30 F58)

“Nos pensamentos dos livros de Máximas publicados há muitas vezes, e mesmo durante muitas páginas, continuidade de assunto, reflexos, idéias que se seguem e se desenvolvem sucessivamente e mutuamente se completam./ Mas esta continuidade é devida aos assuntos e devida em parte aos editores que juntaram os fragmentos. / Em Nabuco esta continuidade é orgânica, intencional, é a expressão do Espírito do autor.” (31/35 L15)

d) captação e indicação de relacionamentos com autores franceses:

“Transcrição dos Pensamentos e Reflexões para os ensaios de La Rochefoucault e Joubert para Montaigne. / Conferir com Nabuco”. (31/30 G1)

“O pessimismo de La Rochefoucault sobre a natureza humana, encontra-se em Pascal./ O amor próprio do primeiro é a concupiscência do segundo. Conferir com Joubert, Nabuco.” (31/30 G5)

“Contraste entre as circunstâncias e o meio em que formularam os seus pensamentos: La Rochefoucault, Pascal, Joubert e Joaquim Nabuco. Os sofrimentos dum, o triunfo do outro. Ver La Bruyère. Vauvernarques.” (31/30 G6)

e) aproximação com autores da literatura portuguesa:

“Não nasceu, não foi criado, como Almeida Garrett num meio literário e inteiramente clássico como Almeida Garrett no século XVIII de Portugal prolongado [ileg.] pelo século XIX./ Nasceu já no movimento romântico estabelecido e ficou com o sentimento, – e muitas vezes com o sentimentalismo, – dos românticos menos fortes.” (31/35 L8)

“Chateaubriand é desde o começo do século XIX um modelo para todos os temperamentos literários, políticos e ávidos de glória pública./ = Garrett / Nabuco “ (31/35 L13)

f) o autor e sua obra:

“Nabuco é um exuberante, um verboso que quer criar num género para concisos. Assim as suas máximas, os seus pensamentos são quase sempre abundantes de palavras, – as suas definições são quase sempre explicações, – e quase sempre, são compreendidas, isoladas, iniciadas aparentemente por números romanos na verdade continuadas numa narração ou tratado moral, – a maior parte das vezes em confissões íntimas./ Porque é realmente um livro de memórias íntimas da inteligência e os sentimentos duma vida interior.” (31/30 G4)

“Nabuco está quase sempre, ou sempre, comovido, enternecido. Esta situação de espírito apresenta nos escritores, nos oradores, o perigo de passar do sentimento à sentimentalidade, – isto é, de ser fraco e fora de propósito. Mas por outro lado esta comoção dá a todos os assuntos que ele trata uma cor de obra de arte se bem que, por outro lado, a preocupação dominante, e a questão máxima seja para ele a política. É um destes espíritos que nunca classificaram os assuntos de que a natureza humana, para ser completa tem de preocupar-se, ou que, se o fizeram tomaram o mais necessário pelo mais elevado, – quando é justamente o contrário. / Nabuco tem, em tudo, a preocupação pessoal, está sempre sentimentalmente, pessoalmente em cena; a sua comoção é funda como a do romântico, e é dele, também, o permanente eu” (31/28 D13)

“Renan, e outros grandes artistas, deixaram de comover Nabuco porque ele deixou de partilhar as opiniões expressas por eles./a) ou nunca foi influido realmente pela forma, independentemente das idéias; ou, / b) por tal forma liga hoje importância às idéias que desde que as não partilha, já não pode a forma destas comovê-lo; ou / c) porque, por tal forma detecta as idéias, que reage contra a sedução da forma em que elas foram expressas e teme que ao reconhecer que esta o comove, isso pareça implicar a aceitação daquelas.” (31/28 D14)

“Joaquim Nabuco diz-se um Católico Liberal./ Tudo que a ciência for demonstrando o Catolicismo irá adoptando ainda que isso envolva, como no caso de Josué e o Sol, um desmentido de asserções dos livros inspirados da Búblia. / É católico porque acha que deve

adotar a crença religiosa do seu tempo — assim como se vê por dever social — sem querer fazer um trocadilho direi: — quase por um dever de boa sociedade — É *comme il faut* — deve ser. / Este ponto de vista de *homme du monde* é muito característico de Joaquim Nabuco — ponto de vista geral de político e especial de diplomata. / — É tratar os mais profundos fatos do espírito à *l'usage des gens du monde*.” (31/738 D18)

“Os concisos e os exuberantes = psicologia dos dois caracteres” (31/30 F32)

“A personalidade do Sr. Joaquim Nabuco, os recursos do seu Espírito, as promessas das suas obras são mais uma prova, — junto a tantas outras que a História nos fornece, — de temperamentos políticos estragando e inutilizando na Política — essa coisa indispensável e pequena — faculdades que podiam ter deixado obras duradouras nas coisas verdadeiramente elevadas, — artes ou realizações filosóficas” (31/35 L2)

“As memórias íntimas que são o livro de Nabuco vêm a propósito no fim duma vida de criação ilustre. / É porque essa vida é conhecida e interessante, que as memórias íntimas interessam. / As *Confissões* de Rousseau, as *Confidências* de Lamartine, as *Memórias de Outro Túmulo*, de Chateaubriand. / Para os leitores em português da obra considerável do escritor e estadista brasileiro, elas são inteiramente oportunas...” (31/35 L1)

Ao transcrevermos tais anotações, foi nosso intuito propiciar ao leitor um contacto direto com o modo como o brilhante prefaciador de *Prosas Bárbaras* se acercava dos autores e adentrava seus textos, confirmando suas grandes qualidades de leitor crítico.

Finalmente, se desses textos inéditos, aqui reproduzidos, surge-nos, viva, uma imagem de Nabuco projetada pelo amigo Batalha Reis e pelo compatriota Oliveira Lima, a correspondência entre ambos, vista em seu conjunto (apenas um recorte foi aqui trazido), nos enseja, sem dúvida, a apreensão de confluências e distanciamentos de idéias políticas, sociais e literárias desses dois intelectuais de pátrias distintas e língua comum, nos anos iniciais do século XX, contribuindo, através dessa faceta, para uma melhor compreensão do diálogo cultural Brasil/Portugal nesse tempo da nossa história.

